

# O PODER DA (DES)CONSTRUÇÃO: MANIFESTAÇÕES DO DISCURSO NA ROMA ANTIGA\*

SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, Leni Ribeiro (Orgs.). *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2013. 248p.

João Carlos Furlani\*\*

**Palavras-chave:** Antiguidade; Roma; História; Literatura; Discurso.

**Keywords:** Antiquity; Rome; History; Literature; Discourse.

232

Pensar em *discurso* muitas vezes pode nos remeter a uma exposição linguística ordenada sobre um conteúdo específico, estreitamente ligado ao ato de discursar. Todavia, essa definição do conceito de discurso não dá conta das múltiplas acepções que o termo nos oferece. Decerto, pronunciar com nitidez a palavra “discurso” não assegurará uma concepção uniforme entre os indivíduos, uma vez que seu significado é constantemente alterado ao ser apropriado por diversos autores de distintas áreas de conhecimento.

A utilização do conceito de discurso é realizada, geralmente, por linguistas, psicólogos, cientistas sociais e historiadores que, na maioria das vezes, buscam contemplar problemas relacionados aos seus respectivos campos de estudo. De tal modo, o discurso ora é associado a perspectivas linguísticas, ora a concepções cognitivas ou de poder. Para alguns autores, a coesão no ato da escrita ou da fala é o que as caracteriza como discurso; para outros, as estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação no processo de escolha (TRASK, 2006, p. 84; GREGOLIN, 1995, p. 16). Não há um consenso sobre a acepção do termo, mas há de se destacar que, para compreender o discurso, é constantemente

---

\* Texto submetido à avaliação em 10 de maio de 2015 e aprovado para publicação em 11 de junho de 2015.

\*\* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação do prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Licenciado e bacharel em História pela mesma instituição. Faz parte do Grupo de Pesquisa em História de Roma da Ufes e do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir) e possui fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: joao.furlani@gmail.com.

ressaltada a relevância ou mesmo necessidade da utilização de outros conceitos, como, por exemplo, os de narrativa, autoria e gênero textual. Se dermos atenção a outros problemas, podemos também aliar ao discurso outros conceitos, como os de identidade, grupo, poder e etc.

Devemos lembrar também que a utilização do termo discurso é muito corrente na demarcação de planos e opiniões de caráter ideológico, como no caso dos discursos políticos e religiosos (ORLANDI, 1996, p. 245). Não obstante suas múltiplas concepções, os discursos também são distintos em conteúdo e intencionalidade, que não devem ser ignorados. A emergência da classificação, portanto, conduziu os teóricos a caracterizar os tipos e formas discursivas (ORLANDI, 1996, p. 15).

O debate sobre o que é o discurso já passou por diversas esferas de estudo, acentuando-se a partir da década de 1970. É nesse meio, no qual se tentou buscar uma procedência, uma compreensão, ou melhor, uma forma de análise para a questão discursiva, que a *análise do discurso* como campo e prática, teoria e método, se expandiu. Contudo, vários são os conceitos de análise do discurso que, para Gregolin (1995, p. 13-14), definem um campo de estudos em formação, cujas fronteiras não eram e ainda não são claramente delimitadas, apontando para várias direções, com diferentes concepções epistemológicas e metodológicas, como é perceptível ao se analisar diferentes produções sobre a temática (MAINGUENEAU, 2008; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004; ORLANDI, 1999; FIORON, 1989).

233

Não somente a análise do discurso, mas também a prática, se propuseram a dar conta dos problemas discursivos, como ocorreu com as teorias enunciativas (BENVENISTE, 2006a; 2006b); a linguística textual (DE BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981); a sociolinguística interacional (GUMPERZ, 1999); a análise da conversação (SACKS, 1992), dentre outras correntes de pensamento.

O fortalecimento do campo de estudos sobre discurso e suas análises, como mencionado, ocorreu a partir da década de 1970, em grande medida devido às considerações e reformulações feitas sobre o conceito de discurso. Temos como expoentes, nesse momento, Michel Pêcheux, com a obra *Analyse automatique du discours*, e Michel Foucault, com *L'Archéologie du savoir*, ambas publicadas ainda em 1969.

As considerações de Foucault, sem dúvida, tornaram-se referência ou, ao menos, ponto de partida para muitos estudiosos. Para Foucault (2009, p. 175), em *A ordem do discurso*, um discurso pode ser caracterizado como uma rede conectável e relacional, em um sistema aberto, que registra, estabelece e reproduz não apenas significados que seriam esperados no interior do discurso, mas também valores de uma sociedade, de um meio em si. Essa concepção distancia-se de muitas

concepções linguísticas tradicionais, uma vez que o discurso não seria simplesmente um conjunto lógico e ordenado de palavras que pretendem significar algo, mas antes uma importante organização funcional na qual se estrutura uma espécie de imaginário social.

O discurso, para Foucault (2010, p. 26), possui ainda uma característica peculiar: o de poder de sustentar, mas ao mesmo tempo o de poder ser sustentado, por uma ideologia. Em outras palavras, o discurso seria baseado em um conjunto de pensamentos e ideias derivados do autor, não compreendido necessariamente como indivíduo, mas como princípio de agrupamento do discurso, grupo ou instituição que, por relações de poder, defendem seus interesses.

Foucault (2009, p. 132) chama de discurso "um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva"; contudo, ele "não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar" na história. Seria assim o discurso constituído por "um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência". O discurso, nesse sentido, não seria uma forma ideal e atemporal que teria uma história, uma vez que ele mesmo é histórico (FOUCAULT, 2009, p. 133).

234 Outro ponto expressivo nas análises de Foucault (2010, p. 16-21) concentra-se na maior importância dada ao papel que o discurso desempenha na ordenação do mundo, em detrimento ao conteúdo propriamente dito. Isso se justificaria pelo fato de que há procedimentos de controle e delimitação do discurso, entre os quais se encontra a "vontade de verdade". Vontade essa imbricada de desejo e poder, capaz de excluir e legitimar.

No que se refere às distinções e formas do discurso, Foucault (2009, p. 25) declara que "nós próprios não estamos seguros do uso dessas distinções no nosso mundo de discursos, e ainda mais quando se trata de analisar conjuntos de enunciados que eram, na época de sua formulação, distribuídos, repartidos e caracterizados de modo inteiramente diferente". O que é ainda mais complexo se pensado para a Antiguidade. Nesse sentido, para Foucault (2009, p. 25), as classificações discursivas só podem ser aplicadas à cultura clássica por uma hipótese retrospectiva e por um jogo de analogias formais ou de semelhanças semânticas. Ou seja, refletindo-se sobre a cultura e a política de maneiras distintas, específicas e variáveis, de acordo com as sociedades analisadas.

Partindo das e inserindo-se nas discussões supracitadas, pesquisadores do período antigo também têm se preocupado com a questão discursiva, ao elaborarem e reelaborarem definições e classificações e ao aplicarem distintos conceitos de discurso às

análises sobre a Antiguidade. Entretanto, da mesma forma que, na contemporaneidade, especialistas no Mundo Antigo têm entrado em contradição sobre as formas mais apropriadas de se pensar o discurso. Parte do conflito referente à conceituação de discurso é explicada por Maingueneau (2008), ao afirmar que, em algumas disciplinas, o discurso é pensado como objeto, ao passo que em outras é um ponto de vista; além, é claro, das próprias diferenciações entre Linguística, Psicologia, Ciências Sociais, História e etc. Todavia, nem sempre uma definição de discurso suplanta outra, pois pode ocorrer, em certa medida, um privilégio de um ponto de vista que já se diferencia no próprio campo de estudo.

Ter em mente essa pluralidade discursiva e pensar numa interdisciplinaridade foi essencial para a composição da obra *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens* organizada por Gilvan Ventura da Silva e Leni Ribeiro Leite, professores da Universidade Federal do Espírito Santo, especialistas em Antiguidade, nos cursos de História e Letras, respectivamente. É importante ressaltarmos que a diferença entre as áreas de formação não impediu – e nem deve impedir – uma colaboração entre pesquisadores que, diversas vezes, abordam temas similares.

Não é difícil constatar que ainda não há um volume expressivo de obras específicas sobre Antiguidade em língua portuguesa. Tratando-se de uma perspectiva interdisciplinar, a situação tende a ser mais grave. Contudo, essa situação motivou Silva e Leite a publicar a obra aqui referenciada. Para os autores, é notável a escassez de textos, em território nacional, que valorizem o intercâmbio entre a Literatura e a História aplicadas à Antiguidade, sem abandonar outras disciplinas, como a Arqueologia e a Epigrafia. Além disso, o estudo das sociedades antigas revela-se um campo de conhecimento atravessado a todo momento pelas mais diversas disciplinas acadêmicas, o que lhe confere uma evidente vocação interdisciplinar (SILVA; LEITE, 2013, p. 8).

O objetivo da obra *As múltiplas faces do discurso em Roma*, em suma, é o de reunir um conjunto de textos sob as mais distintas abordagens, textos estes capazes de iluminar como os diversos tipos de discursos, tanto literários, quanto epigráficos e iconográficos, eram produzidos e difundidos na Antiguidade, mais especificamente no Império Romano.

Para a disposição dos textos do livro em questão, foi adotada uma divisão em três grandes eixos, não as separando por abordagens, como Literatura, História ou Arqueologia, mas sim as mesclando por temas. Dessa forma, o primeiro eixo privilegia as investigações dos gêneros discursivos em Roma, no qual há destaque para a história, a biografia e a poesia. Em seguida, temos uma seção dedicada às formas discursivas escritas e visuais na fase imperial, com ênfase em um aspecto importantíssimo, que é a produção e recepção de obras literárias tanto de autores considerados clássicos

quanto de textos oriundos de meios populares, mas sem perder de vista o contato entre ambas. Entretanto, como ressaltam Silva e Leite (2013, p. 9), é necessário que “prestemos uma atenção particular a outras modalidades de difusão de informações que não o texto propriamente dito, o que equivale a introduzir, na agenda de pesquisa, o exame dos códigos visuais”, uma vez que, segundo Chevitarese e Funari (2012, p. 12), na Antiguidade a alfabetização não era completamente difundida. Como terceiro e último, temos um eixo que enfatiza a dimensão literária da cultura judaico-cristã, que erroneamente tende a ser vista como um domínio à parte do mundo greco-romano, criando-se assim a ilusão de que judeus e cristãos não conviviam e nem compartilhavam com romanos e gregos uma cultura comum (SILVA; LEITE, 2013, p. 9).

Uma resenha de uma coletânea é um tanto ou quanto distinta de uma obra de autoria única. Por exemplo, em *As múltiplas faces do discurso em Roma* temos dezesseis autores, divididos em treze capítulos e em três eixos temáticos, além de um capítulo introdutório de caráter teórico. Sem dúvida, os assuntos abordados pelos autores são distintos, e nossa intenção, aqui, não é a de realizar um resumo do conteúdo de cada capítulo, mas antes expressar nosso entusiasmo com relação à publicação de um material de referência, em língua portuguesa, incentivando assim sua leitura.

Iniciativas como essa devem ser divulgadas, uma vez que são capazes de facilitar a busca de informações sobre assuntos referentes à Antiguidade. Outros livros organizados por pesquisadores brasileiros têm desempenhado papel semelhante, como os três volumes da *História militar do Mundo Antigo*;<sup>1</sup> *Amor, desejo e poder na Antiguidade*;<sup>2</sup> *Gênero, religião e poder na Antiguidade*;<sup>3</sup> *Política e identidades no Mundo Antigo*;<sup>4</sup> *Repensando o Império Romano*;<sup>5</sup> *Mulheres na Antiguidade*,<sup>6</sup> entre outras obras que cada vez mais parecem assinalar a consolidação dos estudos de Antiguidade no Brasil.

Assim, como já enfatizado, *As múltiplas faces do discurso em Roma* nos proporciona o acesso a diversas abordagens sobre o discurso no Mundo Antigo. Recordando Fiorin (1990, p. 177), “o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam”. Logo, esses pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. Fiorin (1990, p. 177) acrescenta

<sup>1</sup> Cf. Funari; Carvalho; Carlan; Silva (2012); Carvalho; Funari; Carlan; Silva (2012); Carlan; Funari; Carvalho; Silva (2012).

<sup>2</sup> Cf. Funari; Feitosa; Silva (2014).

<sup>3</sup> Cf. Leite; Silva; Carvalho (2012).

<sup>4</sup> Cf. Funari; Silva (2009).

<sup>5</sup> Cf. Silva; Mendes (2006).

<sup>6</sup> Cf. Candido (2012).

que a pesquisa precisa “aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos”. Em outras palavras, devemos estar cientes da diversidade existente na compreensão dos conceitos que empregamos, como o de discurso, uma vez que estes propiciam a reflexão sobre distintos problemas, o que contribui de diferentes formas para a construção do conhecimento.

## Referências

- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. Campinas: Pontes, 2006a. v. 1.  
\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral**. Campinas: Pontes, 2006b. v. 2.
- CANDIDO, M. R. (Org.). **Mulheres na Antiguidade**: novas perspectivas e abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; DG, 2012.
- CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; SILVA, E. C. M. (Orgs.). **História Militar do Mundo Antigo**: guerras e culturas. São Paulo: Annablume, 2012. v. 3.
- CARVALHO, M. M.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. (Orgs.). **História Militar do Mundo Antigo**: guerras e representações. São Paulo: Annablume, 2012. v. 2.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHEVITARESE, A. L.; FUNARI, P. P. A. **Jesus histórico**: uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klínē, 2012.
- DE BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London; New York: Longman, 1981.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto: Edusp, 1989.  
\_\_\_\_\_. Tendências da análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 173-179, 1990.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009  
\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.  
\_\_\_\_\_. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. (Orgs.). **História Militar do Mundo Antigo**: guerras e identidades. São Paulo: Annablume, 2012. v. 1.
- FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

- FUNARI, P. P. A.; SILVA, M. A. O. (Orgs.). **Política e Identidades no Mundo Antigo**. São Paulo: Annablume, 2009.
- GREGOLIN, M. R. F. V. Análise do Discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-22, 1995.
- GUMPERZ, J. J. On interactional sociolinguistic method. In: SARANGI, S.; ROBERTS, C. (Eds.). **Talk, Work and Institutional Order**: Discourse in Medical, Mediation and Management Settings. New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- LEITE, R. L.; SILVA, G. V.; CARVALHO, R. N. B. (Orgs.). **Gênero, religião e poder na Antiguidade**: contribuições interdisciplinares. Vitória: GM, 2012.
- MAINGUENEAU, D. Discurso e análise do discurso. In: SIGNORINI, I. **[Re]Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.
- SACKS, H. **Lectures on Conversation**. Oxford: Blackwell, 1992.
- SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Orgs.). **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro; Vitória: Mauad X; Edufes, 2006.
- SILVA, G. V.; LEITE, L. R. (Orgs.). **As múltiplas faces do discurso em Roma**: textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2006.